

EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Maria Inês de Brito Ataíde¹

HISTÓRICO

Do interior do sertão nordestino, pequena cidade do Estado do Piauí, ao cerrado do Planalto Central, Brasília, chegando até um congresso no sul do país, vivencio o mesmo problema, mudando apenas o foco de apresentação: a angústia de uma população sofrida, carente não somente de um programa de “FOME ZERO,” mas também de uma EDUCAÇÃO que não seja “ZERO.” Neste cenário, o destaque é o analfabetismo, uma presença constante, um problema diagnosticado há anos, desde a chegada dos jesuítas no Brasil. A verdade é que todos sabem o papel da educação na transformação do homem. Sabem que por meio dela, se acha o caminho da consciência social, e, no entanto, não há essa conscientização coletiva. Segundo Mizukami (1986), a elaboração e o desenvolvimento do conhecimento estão ligados ao processo dessa consciência. Acrescenta ainda, que é preciso que se faça, pois, desta tomada de consciência, o objeto primeiro de toda a educação: provocar e criar condições para que se desenvolva uma atitude de reflexão crítica, comprometida com a ação.

São trinta e três anos de experiências. Isto mesmo, a “Idade de Cristo.” Esperei completar esta data para relatar algumas experiências relacionadas a educação de jovens e adultos, umas com sucesso, outras não. Tinha quinze anos quando conheci como monitora do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), a realidade de pessoas excluídas, marginalizadas por se acharem “ignorantes,” não sabendo quantos saberes elas carregavam e

¹ Mestranda em Educação. Professora titular da Faculdade Cenecista de Brasília – FACEB e das Faculdades Integradas do Planalto Central – FIPLAC

que não eram aproveitados. Na época, o MOBRAL contava com um aparato metodológico, porém, esvaziava-se de todo sentido crítico e problematizador. Limitava-se a explorar os cartazes que em muitas situações eram dissociados da “leitura de mundo” como denominava Paulo Freire, mas ao mesmo tempo, amenizava a angústia daqueles jovens e adultos que queriam apenas aprender a “ler e fazer contas.” E, eu me sentia feliz. Tal como eles, tendo um conhecimento ingênuo, que o governo “dava tudo” e estava tudo certinho. Vim para Brasília e continuei dentro do programa de alfabetização de adultos, porém, com muita diferença. Se não fosse pela paixão de educar teria desistido. Para formar as salas de aula, o alfabetizador tinha que sair à noite cadastrando alunos de porta em porta porque durante o dia a maior parte deles trabalhava em obras. Com a lista pronta, uma escola sediava a sala de aula. Um detalhe, ganhava-se por cabeça! Um supervisor visitava as salas e anotava o número de alunos presentes. Era mais um motivo para que eu incentivasse cada vez mais a frequência. Na época não se falava em dinâmicas, mas, já com a experiência que tinha, sempre começava a aula com uma poesia ou uma música e procurava trabalhar valorizando cada atividade desenvolvida. A sala era animada e mais uma vez, tal como Shel Silverstein em seu texto “A árvore Generosa”, e eu era feliz.

Em 1985 o MOBRAL foi extinto e seu lugar foi ocupado pela Fundação Educar, que passou a apoiar financeiramente e tecnicamente as iniciativas do governo, entidades civis e empresas conveniadas, deixando de executar significativas propostas.

Vivenciei posteriormente o Projeto Minerva. As salas já estavam prontas, o rádio no lugar e os módulos com os alunos. Às dezenove horas e trinta minutos ligava-se o rádio, as aulas eram ouvidas. Em muitas ocasiões, dependendo do conteúdo das aulas, alguns alunos dormiam e tinha que despertá-los, porque logo em seguida o conteúdo era debatido e os exercícios dos módulos tinham que ser resolvidos. A maioria das aulas eram interessantes, os alunos gostavam e eu era feliz.

Outros programas foram criados em sucessivos governos até que surge a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB) nº 9394/96,

que vem com artigos destinados à educação de jovens e adultos. Cabe evidenciar alguns pontos importantes sobre o tratamento dado por esta Lei, dentre eles: "(...)igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; (...)pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas; (...)garantia de padrão de qualidade; (...)valorização da experiência extra-escolar; (...)vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais." Pensei: Desta vez, é pra valer. Adeus analfabetismo! E, continuava feliz.

Neste momento, já atuava como professora de Geografia da Fundação Educacional do Distrito Federal e no curso Normal de uma Instituição privada. À noite, continuava com os alunos de Educação de Jovens e Adultos (EJA), 1º segmento. Agora, com outra visão. Mais preparada profissionalmente. Já havia concluído duas licenciaturas plenas e uma pós-graduação. Participava de todos os cursos de aperfeiçoamento, congressos e seminários, e era feliz. Porém, ainda enfrentava os mesmos problemas sociais, sobretudo, o analfabetismo.

Uma outra experiência significativa, foi um curso de curta duração sobre o Telecurso 2000, promovido pelo SENAI, para atuar como supervisora. Este curso de iniciativa de educação à distância para jovens e adultos trabalhadores era direcionado para o mundo do trabalho e realizado pela Fundação Roberto Marinho. No momento em que estava preparada para atuar neste programa saiu a minha aposentadoria. E, como acontece com muitos profissionais quando chega esse momento, já não me sentia tão feliz. Olhei para trás, vi que poderia fazer muito mais!

Comecei a ministrar aulas no curso de Pedagogia das FIPLAC – GO, com a disciplina: Educação de Jovens e Adultos. Nesta ocasião, toda a minha prática ilustrava muito bem à teoria exigida pela disciplina. Quando iniciei o Mestrado em Educação, cursei a disciplina Educação de Jovens e Adultos que fazia parte do programa. O professor havia defendido sua tese de doutorado intitulada: "A Constituição do Sujeito Político, Epistemológico e Amoroso". Nesta tese, ele mostrava suas experiências em EJA na Vila Paranoá em Brasília. Foi aí que aumentou a minha paixão, culminando com o projeto que está sendo desenvolvido na Faculdade Cenecista de Brasília – FACEB.

Juntamente com uma colega de trabalho que atua com as mesmas turmas do curso de Pedagogia orientamos o projeto. Foi um primeiro passo para o incentivo na educação dos jovens e adultos analfabetos na região do entorno, onde está instalada a FACEB. Como diz Paulo Freire (1979:53)

Seria uma ilusão ingênua pensar que não se organizasse em instituições, organismos, grupos de caráter ideológico, para a defesa de suas opções, criando, em função destas, sua estratégia e suas táticas de ação.

Partindo desse pressuposto, o projeto foi colocado em prática. Antes, porém, é necessário reiterar a importância da perspectiva que se abre para construir uma realidade que sonhamos e enfrentar os novos desafios. Sabe-se que a crise por que passa a educação brasileira é evidenciada pela persistência dos altos índices de repetência e de evasão, contribuindo para o aumento dos não escolarizados. Nesse sentido, faz-se necessário a participação de todos os envolvidos no processo educativo.

IMPLEMENTANDO O PROJETO: UM INCENTIVO À EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Projeto premiado pela FACEB na II Jornada Acadêmica em 2002, que sensibilizou a comunidade com pesquisas, exposições, debates, depoimentos e filmes sobre o tema e incentivou a Faculdade a desenvolvê-lo. A finalidade desse trabalho foi mostrar que num país onde já existe um grande avanço tecnológico e desenvolvimento econômico, ainda há um número significativo de população de jovens e adultos que não tem acesso à escola. Isto mostra que o analfabetismo é, ainda hoje, um dos maiores obstáculos do exercício da cidadania e causador da exclusão social nas camadas mais desfavorecidas da sociedade. É imprescindível que haja uma conscientização em todas as instâncias sobre a importância da alfabetização neste terceiro milênio. A necessidade de se desenvolver projetos nessa área é de extrema relevância, considerando o grande contingente que constitui o público analfabeto, principalmente em torno dos grandes centros.

Ceilândia, cidade-satélite do Distrito Federal, onde está a FACEB, não é diferente. Embora apresente características de um grande centro, ainda é constituída por uma parcela da população de baixa renda oriunda dos mais diversos recantos do país, que vem para Brasília com o sonho de melhoria de qualidade de vida. Outros motivos também contribuíram para a implementação desse projeto. O principal objetivo foi assegurar ao maior número possível de pessoas não alfabetizadas, o direito de aprender a ler e escrever com qualidade.

A própria LDB, afirma em seu Art. 43: "A educação superior tem por finalidade:

VI – estimular o conhecimento dos problemas do mundo, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;

VII – promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição".

A Constituição Federal desde 1988 estendeu o direito ao ensino fundamental aos cidadãos de todas as faixas etárias, ampliando as oportunidades educacionais para àqueles que já ultrapassaram a idade de escolarização regular.

Acrescenta-se também, o momento em que a alfabetização está sendo uma prioridade do governo atual, e a FACEB não deve ficar fora desse processo. Como entidade da comunidade e com objetivos voltados para ela, deve participar de maneira concreta.

Cabe ressaltar a oportunidade que os alunos do curso de Pedagogia têm de colocar em prática a teoria aprendida no curso.

Para formar as salas de aula, os acadêmicos fizeram um diagnóstico da comunidade e inscreveram os alunos no programa.

A base teórica foi assentada na concepção freiriana, que entre outros, reconhecem como ponto primordial o universo vocabular, cultural e a experiência do educando que de uma maneira dialógica compartilham em sala

de aula suas vivências. Como se pode comprovar em uma das falas de uma aluna:

(...) mas, eu não sei nada. Só cuido de casa e cozinho muito bem. Tô aqui porque quero aprender a ler, escrever, fazer conta e ficar sabida, pra entender o mundo de cidade grande(...)

É partindo dessas conversas que se retiram as palavras geradoras. Após serem decodificadas cada palavra, são criadas outras com as famílias silábicas trabalhadas. Uma série de temas geradores são selecionados para serem discutidos e trabalhados no “círculo de cultura”, como é chamado o momento do trabalho em grupo denominado por Paulo Freire. A produção e o aprendizado são frutos de constante discussão-escrita-rediscussão-reescrita acerca das questões abordadas a partir de leituras de texto e contato com materiais diversos que permitam o enriquecimento necessário para esta produção mediante a exploração do núcleo temático. Assim, o exercício da leitura de diversos tipos de textos (literários, jornalísticos, científicos, informativos etc.) e a escrita dos comentários permitem aos alunos o desenvolvimento pessoal e grupal. Nesta dinâmica é possível trabalhar ao mesmo tempo os conteúdos de História, Geografia, Ciências e matemática, sem que estes momentos sejam estanques ou independentes. O importante é que cada etapa avançada, serve de parâmetro para se estabelecer uma sequência de conteúdos adequando ao processo de aprendizagem dos educandos e ao mesmo tempo permite avaliar a sua progressão.

São muito utilizados os jornais, revista, reportagens e filmes. Isto porque as exigências educativas da sociedade contemporânea são crescentes e estão relacionadas a diferentes dimensões da vida das pessoas: ao trabalho, à participação social e política, à vida familiar e comunitária, às oportunidades de lazer e desenvolvimento cultural. Segundo Kleiman (2000), um trabalho pedagógico que aproveita as oportunidades que o cotidiano de sala de aula oferece para contextualizar as funções da escrita não precisa basear-se em um planejamento de assuntos a serem desenvolvidos.

Os exemplos dos trabalhos da psicopedagoga Emília Ferreiro, Marlene Carvalho e Miriam Lemle, também trouxeram contribuições aos

alfabetizadores, demonstrando como ultrapassar as limitações dos métodos de alfabetização. Ferreira (1995:66) afirma:

A construção de um objeto de conhecimento implica mais que mera coleção de informações. Implica a construção de um esquema conceitual que permita interpretar dados prévios e novos dados (isto é, que possa receber informação e transformá-la em conhecimentos.)

Daí a importância de se trabalhar o contexto do aluno para posteriormente ampliar seus horizontes com os conhecimentos já adquiridos. Segundo Carvalho (2000), para quem está interessado em futebol, palavras como *Flamengo*, *Corinthians* ou *goleiro* são fáceis de aprender.. talvez mais fácil do que “a pata nada no lago”.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos ofereceram subsídios para a orientação do programa bem como para a formação dos monitores para conduzir o alfabetizando no caminho do conhecimento.

Os alunos alfabetizadores foram selecionados levando-se em conta: disponibilidade, responsabilidade, competência, sensibilidade e alguma vivência em situação de alfabetização.

As atividades foram divididas em duas modalidades de ensino:

Interna – salas montadas na própria instituição, coordenadas por uma professora do curso de Pedagogia. São duas turmas num total de 25 alunos e funcionam no turno vespertino.

Externa – alunos que são policiais militares do curso de Pedagogia e outros voluntários atuam como alfabetizadores em salas montadas num quartel da PM, junto ao projeto Comitê de Mobilização de Atividades Comunitárias(COMAC) desenvolvido nesse quartel. São três turmas, com aproximadamente 30 alunos em cada turma. Oriento os trabalhos reunindo com os alfabetizadores periodicamente. É uma parceria entre FACEB e COMAC.

O término dessas atividades com as primeiras turmas está previsto para Dezembro. Os que estiverem alfabetizados serão encaminhados para outras escolas para dar continuidade aos seus estudos. Os que não estiverem continuarão no mesmo programa.

Pretende-se dar continuidade com novas turmas nos semestres seguintes e a meta é aumentar o número de alunos.

Sabe-se que os programas de alfabetização de jovens e adultos, embora necessários para o desenvolvimento dos grupos marginalizados pela pobreza, não são suficientes para integrá-los numa sociedade cada vez mais marcada pela exclusão das minorias. Cabe evidenciar os esforços e tentativas de mudanças, mesmo por pequenos grupos que contribuem para amenizar o problema do analfabetismo em sua comunidade.

Haguette (1998:27) declara:

Os educadores acreditam, com toda razão, que sem vontade política (consciência educacional) dos governantes e da sociedade não haverá uma transformação radical de nosso quadro educacional, escolar e cultural. Parece não menos evidente que sem estatísticas educacionais de qualidade, não existe a possibilidade de um planejamento coerente e lúcido, nem a possibilidade de adoção de políticas educacionais certeiras e justas.

É preciso que haja um engajamento de todos os envolvidos em organizações, associações ou movimentos educacionais para uma difusão pública ao desenvolvimento de uma educação universalizada e de qualidade. Nesse sentido, é interessante observar a preocupação internacional com a educação de adultos que tem sido discutida em conferências pela Unesco, com o intuito de suprir as necessidades educativas desse segmento da população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação . **Parâmetros Curriculares para o Ensino Fundamental - 1º segmento**. Brasília: MEC – SEF, 1995.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 20 de Dezembro de 1996.

CARVALHO, Marlene. **Guia prático do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 2000.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HAGUETTE, André. Consciência e estatística educacionais. **Revista da Educação – AEC**. Brasília: N. 109, p. 19-27.out/dez/1998.

KLEIMAN, Ângela B. (org.). **O ensino e a formação do professor**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 1998.

MIZUKAMI, M. da Graça Nicoletti. **Ensino; as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

SILVERSTEIN, SHEL. **A árvore generosa**. Rio de Janeiro: Record, 1999.